

DIMENSÕES

Revista de História da Ufes

“Incontrastáveis fenômenos”: a trajetória do Dr. Virgílio Damásio, de jovem romântico na Faculdade de Medicina no Império a sisudo governista na República

“Incontrovertible phenomena”: Dr. Virgílio Damásio, from a romantic young man at the Bahian School of Medicine in the Empire of Brazil to a serious government leader in the Republican government.

Gabriela dos Reis Sampaio¹

Resumo: Virgílio Damásio foi um renomado médico brasileiro formado pela Faculdade de Medicina da Bahia que ocupou importantes cargos na política nacional no início do período republicano. Neste artigo, a partir da análise de teses e publicações médicas, artigos da grande imprensa e de revistas especializadas, além de literatura, coleções de leis, almanaques, dicionários e diálogo com bibliografia especializada, utilizo de procedimentos da micro-história e da história social para discutir sua trajetória. Destaco alguns aspectos menos conhecidos na historiografia, como sua aproximação com o magnetismo, que pode ser relacionada à ideia de defesa da liberdade de exercício da medicina, tema bastante polêmico naqueles anos conturbados da política brasileira, quando o Império se extinguiu e a República era instaurada por militares e médicos.

Palavras-chave: Faculdade de Medicina da Bahia, Virgílio Damásio, magnetismo.

Abstract: Virgílio Damásio was a renowned Brazilian doctor graduated from the School of Medicine of Bahia, Brazil who held important positions in national politics at the beginning of the republican period, started in 1889. In this article, based on the analysis of medical theses and publications, newspapers and specialized magazines articles, as well as literature, collections of laws, dictionaries, among other documents, and dialogue with specialized bibliography, I discuss Damasio's trajectory, based on procedures of micro-history and social history. Highlighting some aspects less known in historiography, such as his approach to magnetism, I make connections to the debates about the of freedom to practice medicine, a very controversial topic in those troubled years of Brazilian politics, when the imperial government was extinguished and the Republican government was established by military and doctors.

Key words: School of Medicine/Bahia/Brazil, Virgílio Damásio, magnetism.

¹ Bacharel (1991) e licenciada (1993) em Ciências Sociais, pela Unicamp. Mestre (1995) e doutora (2000) em História Social pela mesma instituição. Atualmente é professora titular na Universidade Federal da Bahia (UFBA) e bolsista pelo CNPq (PQ2). E-mail: grsampaio@hotmail.com. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0003-1942-9096>.



Apresentação

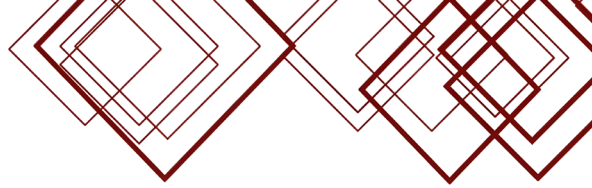
Virgílio Damásio foi um renomado médico formado pela Faculdade de Medicina da Bahia que ocupou importantes cargos na política nacional no início do período republicano. Neste artigo, discuto momentos importantes de sua trajetória, destacando alguns aspectos menos conhecidos na historiografia, como sua aproximação com o magnetismo, que pode ser relacionada à ideia de defesa da liberdade de exercício da medicina, tema bastante polêmico naqueles anos conturbados da política brasileira, quando o Império se extinguiu e a República era instaurada por militares e médicos.

De Itaparica para o mundo

26

No ano em que Virgílio Damásio nasceu, o Brasil vivia um conturbado momento político. Era 1838, os últimos anos do período regencial, quando o país era atravessado por revoltas, rebeliões e muita insatisfação com a situação política e econômica.² Em Itaparica, Virgílio chegava ao mundo alguns dias depois da rendição da vila às forças do Império, que vinham por mar para dar fim à Sabinada. A revolução separatista baiana, que ocorria principalmente em Salvador, teve adesão importante de itaparicanos como o juiz de paz Manoel Tupinambá;

² Na Bahia ocorria a Sabinada, revolta de caráter separatista e republicano iniciada em novembro de 1837, que se estendeu até março de 1838, e se colocava contra o enfraquecimento da pauta federativa e o avanço conservador do governo do Rio de Janeiro, que endurecia com a chegada de Araújo Lima ao poder, como regente. Segundo Basile, “cerca de cinco mil rebeldes chegaram a dominar Salvador por quatro meses; descontentes com a política regressista do governo Araujo Lima e com o alcance limitado do ato adicional, os sabinos tinham como principal bandeira de luta a adoção de efetivo federalismo, combatendo também o que chamavam de aristocratas, identificados aos senhores de engenho do Recôncavo Baiano.”. Ver Marcello Basile, “O laboratório da nação - a era regencial (1831-1840)”, em Keila Grinberg e Ricardo Salles (org.). *O Brasil Imperial, volume II: 1831-1870*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009, p.71.



quatro dias depois da eclosão do movimento em Salvador, ele declarava também a independência da vila em relação ao governo central.³

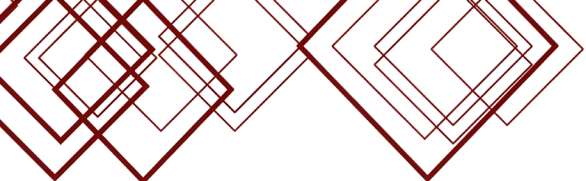
Dona Maria Amália, mãe de Virgílio, deve ter passado ainda mais aflições do que as comuns à hora do parto, tendo que dar à luz – provavelmente em casa, amparada por uma parteira, como era o costume – ao som das explosões e tiros que ocorriam na ilha, alarmada pelas notícias que chegavam da capital. Não tenho informações sobre de que lado estavam os pais de Virgílio no meio do levante. Francisco Borja Damásio, seu pai, alguns anos depois, aparece como segundo escriturário do Arsenal da Marinha, trabalhando na tesouraria, já vivendo em Salvador⁴. É de se supor que, à época da Sabinada, estivessem ao lado dos insatisfeitos, como fizeram diversos profissionais liberais de então, inspirados pelas ideias que circulavam no país, contrários aos ricos senhores de engenho e à centralização do poder no Rio de Janeiro. A suspeita é pouco fundamentada, mas que a educação e formação de Virgílio foi mais crítica, parece bem provável, como transparece em seu posicionamento político nos anos finais do Império, como defensor aguerrido do republicanismo. Para se ter uma ideia, transcrevo um verso de sua autoria, publicado no início de 1889:

27

“Numa pira de escudos partidos,
queimaremos o manto real.
Esmagar o palanque dos bravos,
quem pretende? quem ousa? quem é?”

3 A separação, porém, não durou muito tempo: no dia 15 de janeiro a vila de Itaparica era reintegrada ao governo oficial, não resistindo ao ataque do exército. Ver Leite, Douglas Guimarães, *Sabinos e diversos: emergências políticas e projetos de poder na revolta baiana de 1837*. Dissertação de mestrado, PPGH/UFBA 2006, p. 25.

4 Francisco de Borja Damásio aparece, na Contadoria, como segundo escriturário, residente à rua dos Barris. *Almanaque Civil, Político e comercial da Cidade da Bahia para o ano de 1845*. Edição Fac-similar. Salvador: A Fundação, 1998, p. 351.



Abissínios e hordas de escravos? Mercenários sem brilho sem fé?”⁵

O contexto ali era outro, mas a crítica à monarquia permanece forte, com a queima do “manto real” e crítica a “mercenários” e “hordas de escravos” que ousariam desafiar “bravos” como ele... Essas ideias devem ter se formado na cabeça de Virgílio ao longo dos anos. Mas o que quero sugerir é que, examinando sua produção da juventude, podemos encontrar traços de que desde lá ele nadava contra a corrente, arriscando ideias científicas pouco ortodoxas naquele momento.

28

Ingressando na Faculdade de Medicina da Bahia, em Salvador, com bem menos de 18 anos, como era comum naqueles anos, Virgílio Damásio graduou-se em 1859, aos 21 anos⁶. No ano de 1861, partiu para São Paulo, para estudar na Faculdade de Direito. Possivelmente, os frios ares paulistanos não tenham agradado o jovem Virgílio, que abandonou o curso após uma “desinteligência” com um professor de Direito, ocorrida devido a um “gracejo” que este lhe dirigiu, e voltou

5 “A República”, seção Virgílio Damásio, IGHB, documentos diversos, caixa 5, doc. 50, apud Gabriela Sampaio e Wlamyra Albuquerque, *De que lado você samba: raça, política e ciência na Bahia do pós-abolição*. Campinas: Editora da Unicamp, 2021, (Coleção Históri@ Ilustrada) (pp. 82-83). Edição do Kindle. Para uma análise do contexto e dos significados dos versos, ver o capítulo 2 do livro.

6 Em 1852 há um registro de que Virgílio Damásio já era estudante da Faculdade de Medicina, portanto com 14 anos de idade. Ver *Bahia Ilustrada (BA)*, 1919, p.1. Na tese, porém, Virgílio afirma que “em 1852, tinha eu quatorze anos e nem uma só vez me havia ocorrido ao menos a ideia de vir a formar-me em Medicina” (p. 152). O mais provável é que ele tenha ingressado no curso em 1854, com 16 anos, já que se formou em 1859, e afirmou, também na tese, que passou 6 anos na Faculdade de Medicina (nos agradecimentos aos seus “ilustrados e estimáveis colegas de ano”, declara que “o comercio constante de seis anos estreitou-nos as relações em laços de cordial e pura simpatia (...)”. Ver Damásio, Virgílio Clímaco, *A eletricidade em geral e suas aplicações às diversas ciências, e em particular sobre seu emprego terapêutico*. Tese (Inaugural) - Faculdade de Medicina da Bahia, Bahia, 1859, p. 17.



a Salvador⁷. Em 1862 já era professor do Liceu Provincial da Bahia e professor (“opositor”) da Primeira Sessão de Ciências Acessórias da Faculdade de Medicina da Bahia⁸.

Bem antes disso, como estudante da Faculdade de Medicina, Damásio desenvolveu estudos e interesses diversos. Ainda em 1852, aparece fazendo parte da Sociedade Dois de Julho, destinada a “alforriar cativos”.⁹ Sim, Virgílio era abolicionista e republicano, não se engane: não havia nenhuma contradição, no abolicionismo branco e letrado brasileiro, entre defender o fim da escravidão e entender os escravizados como “hordas”, seres embrutecidos e pouco racionais.¹⁰ Especialmente alguém como Damásio, que em seus últimos anos como professor, assumiu a cadeira de Medicina Legal, a qual se destacou pelos estudos do racismo e sua defesa como uma ciência – e que depois seria ocupada por Nina Rodrigues. Mas já estamos nos adiantando; voltemos ao jovem em formação.

29

Em 1859, na tese apresentada à Faculdade para obter o título de doutor, Virgílio se mostra tradicional na forma, já que é extremamente respeitoso em relação à religião e faz longos agradecimentos a parentes

7 Sobrinho, Antônio de Araújo de Aragão Bulcão, “O pregoeiro da República na Bahia”, em *Revista do IHGB* n° 255 (1962), pp. 57-69.

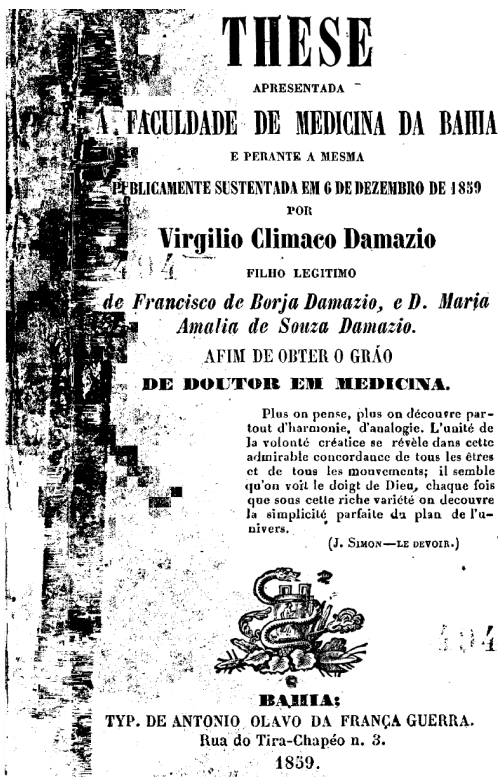
8 Idem, p. 57.

9 Em artigo publicado na *Bahia Illustrada (BA)*, de 1919, assim é mencionada a Sociedade Dois de Julho: “Foram seus iniciadores alguns estudantes de medicina, dentre os quais cabe destacar alguns, porque, depois, se impuseram à atenção pública: César Zama, Jerônimo Sodré Pereira, Virgílio Damásio.” Talvez Damásio não fosse ainda estudante de medicina em 1852, como afirmado acima, mas pudesse se interessar pela causa da Sociedade. Ou, talvez, tenha entrado neste grupo depois de 1852. O historiador Jailton Brito, que pesquisou os textos de Luís Anselmo da Fonseca e Antônio Loureiro de Souza, afirma que Virgílio Damásio era abolicionista, mas não o inclui como fundador ou membro da Sociedade Dois de Julho. Ver Jailton Lima Brito, *A abolição na Bahia (1870-1888)*. Salvador, CEB, 2003.

10 Ver, sobre isso, Gabriela Sampaio e Wlamyra Albuquerque, *De que lado você samba (...)*, op. cit.

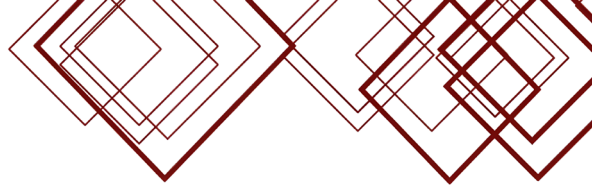


e amigos. Porém, parece um tanto rebelde no conteúdo, dissertando sobre temas pouco comuns nas teses médicas brasileiras de então: trata de física, química e eletricidade na tese intitulada *A eletricidade em geral e suas aplicações às diversas ciências, e em particular sobre seu emprego terapêutico*.¹¹



30

¹¹ Um dos agradecimentos se dirige ao tio Antônio Joaquim Damásio, que vem logo após longos e amorosos reconhecimentos aos pais e às irmãs; Virgílio se refere ao tio como “mestre”, reconhecendo imensamente a “instrução com que tão sabiamente mitigastes a sede de minha inteligência”. Segundo o Almanaque de 1845, Antônio Joaquim Damásio era o secretário da Sociedade da Biblioteca Clássica Portuguesa, cujo presidente era o Arcebispo da Bahia, sendo seu tio, também, membro do conselho diretório daquela sociedade, junto com o arcebispo. Certamente o “tio, mestre e amigo” teve influência na formação de Virgílio, podendo ter contribuído financeiramente para seus estudos. Ver *Almanaque Civil, Político e comercial da Cidade da Bahia* (...), p. 335. Esse tio depois se torna sogro de Virgílio – talvez daí os salamaleques todos.



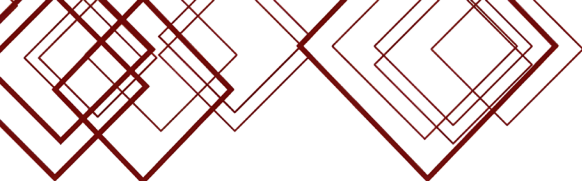
capa da tese de Virgílio Damásio, localizada na Biblioteca Gonçalo Muniz/UFBA

De acordo com um de seus biógrafos, Virgílio Damásio teria estudado na Europa, de onde viera transferido, em 1859, para a cadeira de Mineralogia¹². Essa informação não parece se sustentar, já que o professor assumiu diversas cadeiras (Física, Química, Mineralogia, Botânica e Zoologia, Medicina Legal e Farmácia) na Faculdade de Medicina por meio de aprovação em concurso, em 1862, e não por transferência¹³. Mesmo sem ter ido à Europa durante sua formação, sua tese, revelando bastante conhecimento em ciências exatas, dialoga mais com trabalhos europeus da época do que com outras teses apresentadas à Faculdade de Medicina da Bahia¹⁴. Isso é: apesar da longa introdução histórica e dos exageros de modéstia e de referências a valores cristãos, bem típicos

12 A informação aparece em Valle, J. R. “Subsídios para a história da Gazeta Médica da Bahia”, In: Falcão, E. C. *Brasiliensia documenta*. São Paulo, 1974, p. 12, APUD Martinelli, M. Fátima Mendes, “Comunicação científica em saúde: a Gazeta Médica da Bahia no século XIX”. Dissertação (Mestrado) - UFBA/Instituto de Humanidades Artes e Ciências, Salvador, 2014.

13 Para o concurso, Virgílio Damásio teria “apresentado a necessária tese sob o título *Discutir o princípio fundamental da teoria atômica*, tendo sido aprovado em 5 de julho de 1862.”. Ver “O pregoeiro da República na Bahia” (...), op. cit p. 57. Em outras biografias de Damásio também é mencionado este concurso, como na publicada no CPDOC: “Foi professor do Liceu Provincial da Bahia e de ciências acessórias da Faculdade de Medicina da Bahia a partir de 1862, por concurso que lhe solicitou ‘Discutir o princípio fundamental da teoria atômica, expor o sistema de Dalton com as modificações de Berselius, explicar por esse sistema a lei das proporções múltiplas’. Por meio de outro concurso, tornou-se catedrático de química mineral.” Ver “Damásio, Virgílio”, em *Dicionário histórico-biográfico da Primeira República* (DHBPR) - FGV/CPDOC, disponível em <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/DAMÁSIO,%20Virgílio.pdf> (consultado em 01/10/2024). A mesma informação aparece no verbete Damásio, Virgílio, *Dicionário Biográfico Histórico da Bahia*, Biblioteca Virtual Consuelo Pondé, disponível em <http://www.bvconsueloponde.ba.gov.br/2024/07/15/virgilio-damasio/> (consultado em 01/10/2024). Para o concurso do Liceu, apresentou, em 1871, a tese “*Elementos de physica e chimica comprehendendo as primeiras noções de geologia e mineralogia*”.

14 É possível encontrar algumas teses que tratam do tema no Brasil, porém eram muito mais comuns na Europa, conforme exemplifica Virgílio Damásio. Ver *A eletricidade em geral e suas aplicações às diversas ciências*, (...), op. cit. p. 50.



do estilo romântico das teses brasileiras do período, há um enfoque na discussão científica, especialmente nas explicações sobre átomos e elementos químicos e na descrição detalhada – e fascinada, diga-se de passagem – da eletricidade, chegando a seus possíveis usos na medicina.

Mesmo que não tenha ido à Europa nos anos 1850¹⁵, Virgílio Damásio leu e discutiu inúmeros tratados europeus sobre galvanismo e eletricidade, vários dos quais são citados em francês e em inglês na tese. É bem capaz, também, que tenha devorado o romance *Frankenstein*, de 1818, escrito pela inglesa Mary Shelley – é quase impossível não lembrar do estudante de medicina Victor Frankenstein, o protagonista do romance, fascinado com o conhecimento da eletricidade ao ver um raio destruir um carvalho¹⁶, ao ler os trechos da tese de Virgílio onde ele descreve também os raios:

32

“(…)Apesar porém de sua natureza essencialmente estragadora, também o raio, como é muito natural, tem seus momentos de extravagância: é assim que por efeito da sideração tem-se visto alguns enfermos darem graças à sua estrela por tão perigosa felicidade: ora é um paralítico que recobra, como por encanto, o precioso uso de suas pernas, a quem o estrepitoso agente restituiu, a troco do susto, a extinta sensibilidade auditiva, em alguns é uma úlcera de mau caráter, que transforma-se e uma chega de doa natureza; (...) feliz doente, acha-se curado, sem saber como nem porque! Tudo isso serve para provar que nem sempre

15 Virgílio Damásio foi para a Europa de fato entre 1883 e 1885, enviado pela faculdade para “estudar como é dado o ensino teórico e prático da medicina legal nos países da Europa, e bem assim a organização do serviço médico-judiciário nesses países (...)”. Ver *Relatório Apresentado à Faculdade de Medicina da Bahia*. Dr. Virgílio Clímaco Damásio. Imprensa Econômica, 1886, p. 6, apud Adailton Ferreira dos Santos, *A presença das ideias da Escola Topicalista Baiana nas teses doutorais da Faculdade de Medicina (1850-1889)*. Tese de Doutorado em História da Ciência, PUC/SP, 2012, p.61.

16 Shelley, Mary, *Frankenstein*. Edição de M. Hindle, Harmondsworth, Penguin Books, 1992. Ver também “Conheça a história por trás da criação de Frankenstein”, publicado em <https://ufrb.edu.br/bibliotecacecult/noticias/323-conheca-a-historia-por-tras-da-criacao-de-frankenstein>



o raio *está de mau humor* e que, a despeito ode sua feia catadura, também é ele capaz de contrair simpatias para com alguns de nós outros (...).¹⁷

Não se pode negar que o texto de Damásio, ao menos em relação aos raios, é mais divertido que o sombrio romance de Mary Shelley¹⁸. Ele também é mais otimista em relação aos cientistas do seu tempo do que a autora do romance, e mais cuidadoso em relação aos raios e ao uso da eletricidade do que Victor Frankenstein, tendo o cuidado de afirmar que “a ninguém me atrevo a aconselhar que vá de moto próprio arrotar a violência de uma tempestade sem munir-se das cautelas indicadas pela ciência”, as quais expõe em seguida¹⁹. Ainda assim, vem à mente a lembrança do monstro que Victor traz à vida quando Damásio narra as possibilidades e efeitos dos impulsos elétricos e da galvanização nos nervos e músculos humanos, nos domínios da “terapêutica interna”, citando médicos que se ocuparam das aplicações fisiológicas e terapêuticas da eletricidade, bem como os aparelhos que utilizavam, citando casos de uso de eletricidade em cadáveres²⁰.

33

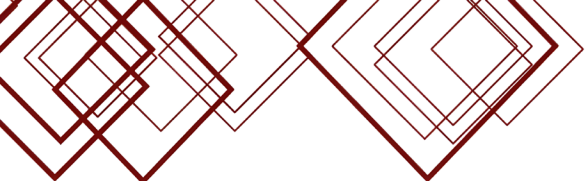
Mas, semelhanças à parte, o que realmente interessava ao jovem

17 Damásio, *A eletricidade em geral* (...), op. cit. p. 112.

18 Rocque, L. de L. e Teixeira, L. A.: ‘*Frankenstein*, de Mary Shelley e *Drácula*, de Bram Stoker: gênero e ciência na literatura’. *História, Ciências, Saúde — Manguinhos*, vol. VIII(1), 10-34, mar.-jun. 2001.

19 Damásio, *A eletricidade em geral* (...), op. cit. p. 112.

20 Há vários trechos da tese que nos fazem lembrar do romance de Mary Shelley, como este por exemplo: “se fizermos atuar a eletricidade sobre o corpo recém cadáver de um vertebrado, mormente se tiver este sido imolado quando no gozo da perfeita saúde, veremos que apesar das alterações materiais (...) nossas máquinas infinitamente perfectíveis como são provocam todavia a manifestação de uma série de fenômenos, tão parecidos com os que constituem a vida, que o sábio dr. Andrew Ure, experimentando sobre o cadáver de um miserando enforcado, arrependeu-se de ter começado a experiência cortando a medula e os casos do pescoço; porque, segundo suas próprias palavras, ‘se desde o princípio tivessem atuado sobre os órgãos pulmonares, provavelmente teriam conseguido restaurar a vida’ ”. Idem, p. 131.



cientista era a cura de doenças. Afirma Damásio:

“(...)A grande classe das moléstias nervosas é quase toda sobrepujada pelo emprego de um agente energético e matematicamente calculável, e de cuja existência ninguém suspeitara até então: quero falar da eletricidade em suas diversas modalidades.”²¹.

34 Encantado com as promissoras possibilidades da eletricidade em todos os campos da medicina – não só a terapêutica, anestésias, analgésias, mas a cirurgia, as amputações, a medicina legal, a higiene, especialmente no tratamento das epidemias, entre outros –, Damásio discorre longamente sobre suas diversas aplicações, com exemplos de trabalhos de diversos cientistas europeus. Estende-se também, com otimismo, nas infinitas possibilidades que a eletricidade traria para o futuro da humanidade, pensando em possíveis aparelhos e aplicações, para doentes e para o melhor funcionamento da vida e das cidades, ou os “progressos incalculáveis para as artes de curar”, assim como o “progresso material dos indivíduos e dos povos”, a exemplo das locomotivas, do fornecimento de luz e de calor.

É sobre uma parte específica de sua tese que pretendo me deter agora, chamando a atenção para as posições do jovem estudante em relação a uma prática que teve diversos desdobramentos nas diferentes formas de curar que aconteciam no Brasil ao longo do século XIX: o magnetismo.

A medicina e a busca da felicidade: os usos do magnetismo

²¹Idem, p.32.



No início de sua tese, após discorrer sobre o princípio dos tempos e dos seres humanos, o jovem candidato afirma a que veio. Seu propósito era encontrar a felicidade, objetivo maior da vida humana de todos os povos, em qualquer tempo ou lugar. Afirmando não pretender definir a felicidade nem ensinar como obtê-la, explica o “ponto capital” de seu estudo, “com íntima convicção” e “pronto a sustentar contra todas as opiniões e em face de todo o universo intelectual”:

“Não compreendo o bem estar e a completa felicidade sem o exercício regular das funções corpóreas; e que o homem que sofre a dor física não é, nem pode ser feliz”.²²

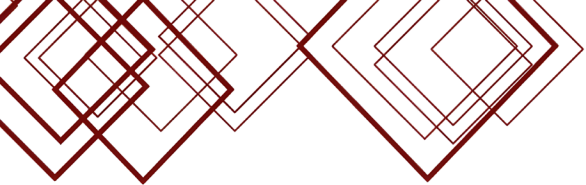
Partindo do pressuposto que a felicidade que só poderia existir na ausência da dor, “a condição única, essencial e absoluta para o bem estar e a felicidade é, senão esse estado de saúde completa e perfeita (...) ao menos a falta de dor, de sofrimento físico”, ela só poderia ser buscada pela ciência. Mas não qualquer uma, e sim a maior de todas as ciências, na sua opinião: “a única que seria capaz de prevenir e obstar a dor, combatê-la e destruí-la ou, quando menos, diminuir-lhe a intensidade; essa, supérfluo é repeti-lo, é a Medicina”.

35

Para buscar a cura da dor e do sofrimento pela sagrada medicina, Virgílio nos conduziria às maravilhas da eletricidade, como já adiantamos anteriormente. Após dissertar sobre os raios, a física, a química e a botânica, os usos específicos da eletricidade, os efeitos da eletricidade nos nervos, o jovem Damásio trata do magnetismo animal:

“O magnetismo animal! ... Eis a pedra de escândalo, contra a qual se tem arremessado sucessivamente, há quase um século, a animosidade da miopia calculada e muitas vezes egoísta dos luminares de tanta academia, e a iracúndia supersticiosa e mal

22 Idem, p.13.



refletida de oradores, aliás ornamentos venerandos, da tribuna eclesiástica! (...)”²³

De volta ao tom dramático, Virgílio escreve com vagar sobre os exageros tanto do “ceticismo sistemático” quanto “dos abutres da superstição” ao se referir ao magnetismo animal. O fenômeno que, segundo ele, existiria há séculos, como um “dom inestimável, um “privilegio divino”, acabou sendo mais fatal aos seus possuidores, que muitas vezes foram taxados de realizar “sortilégio, malefício e possessão”. Todavia, o magnetismo era uma ciência, que vinha sofrendo “todas as vicissitudes dos eventos grandiosos”²⁴.

36

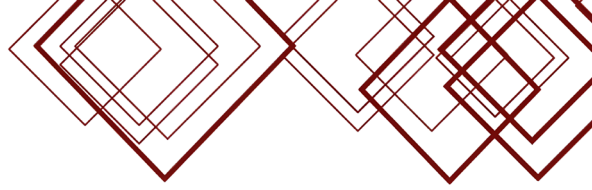
O que viria a ser, então, o magnetismo? Algo que sempre existiu, que todo mundo perceberia, mas que nunca havia sido explicado pela ciência, e que muitas vezes foi confundido com embustes, ou mesmo utilizado por charlatães e pessoas de má índole. Para explicar o fenômeno, o aspirante a doutor da Faculdade dialoga com seus leitores, tentando trazer para o terreno da experiência comum o assunto de sua tese:

“Quem é que, no correr de sua vida, não tem sentido, ao encontrar-se pela primeira vez com um ou outro indivíduo, ampliar-se lhe o coração por uma dessas simpatias, indefiníveis e eternas; ou confranger-se lhe sombrio por uma aversão não motivada, mas recíproca às mais das vezes, e que se entranha profunda e duradoura que não ha mais poder para extingui-la?! Quem é, que ao transpor os umbrais de um salão de baile, em o qual confundido com a multidão se acha um desses entes, que fatalmente influem sobre os destinos de uma vida inteira,— quem é, digo, que não sentiu-se tomado de súbita e inexplicável comoção, quando a alma lhe confunde estranho abalo, e o coração agita-se convulso, muito antes que depare com o ente cujo influxo o domina, e sem que ao menos esteja prevenido de que o deve encontrar em tal lugar?!”²⁵

23 Idem, p. 147.

24 Idem.

25 Idem, p. 154



O jovem Virgílio, que a estas alturas já mostrava toda sua paixão por sua futura esposa, sua prima Anna Virgínia de Seixas Damásio, a quem faz um apaixonado agradecimento no início da tese²⁶, revela neste trecho que reconhecia a existência, na vida humana, de inexplicáveis sensações e abalos, causados por simpatias ou aversões. Estas comoções causariam impulsos físicos, verdadeiros mistérios. Em 1859, apaixonado pela prima e pela ciência, Damásio defendia um só “fanal”, ou farol, que poderia iluminar os mistérios, explicando-os pela ciência:

“Para mim, só ha um trilho a seguir, só um fanal para alumia-lo, só uma explicação que possa convir á Ciência, hoje que o prestígio do sobrenatural se esvai como um fantasma à luz que inflama o século. Esse trilho, esse fanal, essa explicação enfim, se resume numa frase, que tantas vezes tem sido pronunciada pela boca da humanidade, e á luz de tão diversos sentimentos:—o magnetismo animal.”²⁷.

37

Já que o sobrenatural não enganava mais os brilhantes cientistas²⁸, seria pelo entendimento do magnetismo que se poderia explicar diversos fenômenos aparentemente inexplicáveis, presentes na natureza,

26 A prima, que recebe na tese uma homenagem extremamente sentimental, no mais puro estilo romântico do tempo, é referida como alguém que ocupa lugar de destaque no “santuário das afeições” do estudante: “(...) que vosso nome, minha prima, seja para esta Tese o que é a bonina para o cardo silvestre, o que a estrela da tarde é para a hora que segue-se ao crepúsculo, o que é para a árvore crestada e tão sozinha, o pousar do colibri de mil cores. (...)” Ver Damásio, *A eletricidade em geral (...)*, op.cit. p.5.

27 Idem, p. 155.

28 Nas primeiras décadas do século XIX, a ciência, baseada no método indutivo, desbancava antigos sistemas filosóficos e trazia novas verdades, unificando diferentes campos do conhecimento sobre o mundo natural. Segundo Hall, cientistas acumulavam habilidades de filósofos, engenheiros e inventores, buscando comprovar suas hipóteses por meio de experimentos, muitas vezes alcançando importantes descobertas e inventos técnicos. Ver Hall, R. *A revolução na ciência: 1500-1750*. Rio de Janeiro, Edições 70, 1988 *apud* Rocque e Teixeira, *Frankenstein*, de Mary Shelley e *Drácula*, (...), op. cit. p.15.



entre os animais e também entre os humanos. “E o que é, pois, o magnetismo animal?”, perguntava Damásio. Explica, então, que não traria para a tese todas as teorias que a ciência já havia desenvolvido sobre os “fenômenos magnéticos”, mas que patentearia o que pensava a respeito, sem “invocar a paternidade” de tais explicações. Segue abaixo um pouco das respostas:

“penso que esses fenômenos, que sucessivamente mencionei, dependem todos da mesma causa se manifestam em virtude da mesma força, e portanto devem ser submetidos às modificações de uma mesma teoria; e, quanto á mim, essa força é a eletricidade. (...) Para mim o fluido magnético animal é o próprio fluido nervoso e a magnetização consiste na projeção do mesmo fluido para fora do corpo do magnetizador, cuja vontade o dirige e fal-o (sic) acumular em tal ou tal outro corpo.”²⁹

38

Aqui, para além de reconhecer a existência de impulsos físicos em cada ser humano, o pesquisador ia além, definindo o fenômeno da magnetização como um “fluido nervoso”, algo como um impulso elétrico, isto é, um movimento regido pela eletricidade. Mas avançava ainda mais, afirmando que o “fluido” poderia ser projetado para fora do corpo daquele que exercesse a magnetização. Não se tratava só de impulsos internos, mas da ação sobre outras pessoas, que poderiam variar de acordo com “as leis que regem os imponderáveis”:

“Os efeitos da magnetização, de acordo com as leis que regem os imponderáveis, são dependentes: 1.º —da quantidade de fluido irradiado;—2.º da tensão que lhe faz tomar a vontade do magnetizador; 3.º —da tensão e quantidade do fluido existente no corpo a magnetizar.”³⁰

Percebemos uma teoria explicativa para o funcionamento da magnetização, em que entrava também a variante da “vontade do magneti-

²⁹Damásio, *A eletricidade em geral (...)*, op.cit, p. 156.

³⁰Idem, p. 157.



zador”, o que podemos entender como o poder daquele que exercesse a atividade, além da quantidade de fluido, ou eletricidade, que tivesse em si. Um bom magnetizador, portanto, deveria ter saúde e força, para que pudesse, “sem prejuízo próprio, despender tanto fluido nervoso quanto baste para produzir os efeitos desejados”. Mas a explicação não para por aí; ao contrário, vai ficando cada vez melhor.

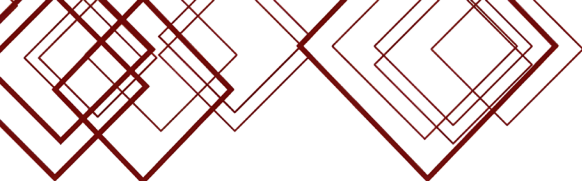
O pior cego é o que não quer ver

Após reconhecer a existência da magnetização e descrever as características do magnetizador, Damásio moço passa a falar dos fenômenos gerados pela magnetização, incontestáveis (ou, nas palavras do cientista, “incontrastáveis”), segundo ele – e seu texto vai seguindo num caminho extremamente interessante para uma tese de medicina, aceita pelos mais ilustrados cientistas da prestigiosa faculdade da Bahia:

39

Isto posto, passo a mencionar os principais fenômenos manifestados pela magnetização; *fenômenos incontrastáveis; porque o mundo inteiro os tem apreciado*: e se dúvidas ha, no que toca à sua veracidade, só podem partir—ou desses pobres de espirito, a quem o Século tem apelidado por antífrase espíritos fortes, ou daqueles outros que são cegos—porque fecham os olhos muito de propósito, com receio talvez de que a luz da verdade, por demasiado viva, os cegue realmente, ou, quem sabe? lhes incinere as vestes e os castelos de carunchoso feudalismo. Com qualquer dessas duas raças de homens nada tenho que ver; porque, disse-o o—Mestre dos Mestres, ‘o pior cego é o que não quer ver, o pior surdo o que não quer ouvir’. Entro portanto na exposição dos factos, como se tratasse de alguma cousa concernente á digestão ou á respiração pulmonar, etc.(...).”³¹ (grifos meus)

31 *Idem*.



Os fenômenos tantas vezes classificados como absurdos ou irrealis, na opinião de Damásio – que, cuidadoso, se deu ao trabalho de citar diversos eruditos europeus, para não se arriscar diante das autoridades médicas locais – seriam reais e verdadeiros, afinal o mundo inteiro já os teria apreciado. Se o mundo reconhecia a verdade do magnetismo, não seria ele, estudante brasileiro, que os negaria; só os pobres de espírito, ultrapassados em castelos de “caruncho feudalismo”, isso é, corroídos pelo atraso e presos no passado, recusariam a verdade do magnetismo. Desprezando o que considerava obsoleto, anuncia que trataria o magnetismo como algo tão trivial quanto a respiração ou a digestão, e passava a descrever alguns efeitos da magnetização:

“Quatro são os graus, que podem atingir os efeitos fisiológicos da magnetização: 1.º sono magnético; 2.º sonambulismo simples; 3.º sonambulismo lúcido; 4.º êxtase. É ainda esta a explicação que acho mais plausível, para o fenômeno que tem sido denominado—de previsão interna. Consiste ele na faculdade que adquirem os sonâmbulos lúcidos—de predizerem aquelas moléstias, que está disposto a contrair seu organismo.”³²

40

Sem se referir a tais fenômenos como sobrenaturais ou metafísicos, tratando-os com muita naturalidade, Virgílio entra no terreno de temas que foram, historicamente, denominados como inexplicáveis por alguns, ou como puro charlatanismo por diversos cientistas e médicos: o “sonambulismo” e o “êxtase”, que poderiam também ser chamados de estado de hipnose ou transe em textos de diferentes médicos. O autor explica detalhadamente as características e diferenças entre o sonambulismo simples e o lúcido que, assim como o êxtase, seriam “fenômenos fisiopatológicos, que todos os dias podem ser observados”; seriam estados de sono, induzidos pelo magnetizador, em que os indivíduos recuperariam o poder da fala e dos músculos com clareza e preci-

³² Idem, p. 157.



são. O “sonâmbulo magnético” ficaria “isolado do universo inteiro”, só podendo ouvir a voz de seu magnetizador; e “para ouvir algumas vezes a de outra pessoa, é necessário que esta se ponha em relação de contato com ele”. Depois de lembrar de Frankenstein, diversas imagens de magos e bruxos da ficção e dos textos de época acabam vindo à mente quando lemos a tese. De imediato lembramos do Mão Santa, famoso magnetizador do início do século XX... mas chegaremos lá logo mais, afinal o jovem Virgílio ainda não terminou sua tese...

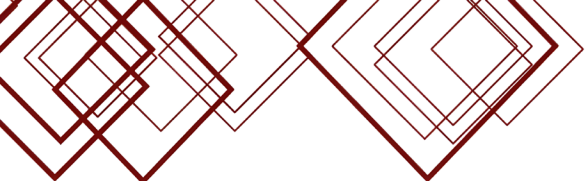
Sem medo de críticas, amparado pela sua fé na ciência, o corajoso candidato a membro do sagrado templo baiano do saber vai além; como vimos há pouco, e fala em “previsão interna”, ou “capacidade de prever moléstias”, algo que seria nada mais nada menos que a adivinhação, em termos leigos. Não por meio de jogo de búzios de um renomado pai de santo, ou pela leitura de uma bola de cristal por uma cigana: seria tudo fruto do magnetismo, ou da troca de fluidos elétricos entre pessoas comuns, magnetizador e magnetizado. Vejamos como continua o raciocínio:

41

“Indivíduos ha, (bem que raros sejam,) em os quais se manifesta a faculdade—de penetrarem os pensamentos de seu magnetizador, antes de haverem estes assumindo forma sensível. Este fenômeno é, na verdade, admirável; mas nada tem de incompreensível, se nos lembrarmos, que a corrente do fluido magnético estabelece, por assim dizer, uma relação de continuidade corpórea entre o cérebro do magnetizado e o do magnetizador.”³³

Pronto! A ciência tudo explica... sim, seria possível ler pensamentos, prever doenças, ou, com palavras que ele não usou, ver o futuro, ou ao menos o desconhecido... admirável, sem dúvida, mas seriam fenômenos perfeitamente compreensíveis, explicados pelo entendimento

33 Idem, p. 160.



do cérebro do magnetizador. Não é mestre Yoda³⁴ quem fala aqui, ou algum outro personagem ficcional do final do século XX, nem mesmo Franz Anton Mesmer, o famoso médico francês do século XVIII que estudava transe, fluidos magnéticos, poder das mãos, mas Virgílio Damásio, o sisudo homem de barbas longas do retrato da Sala da Congregação da Faculdade de Medicina da Bahia – caso alguém tenha se esquecido. Não encontrei retrato do moço, mas segue o que ficou para a posteridade como registro da imagem do professor e político, de uns anos depois:

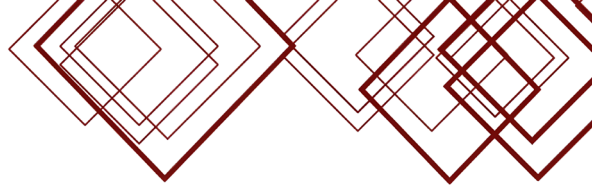
Retratos de Virgílio Clímaco Damásio em 1878, aos 40 anos, e mais velho, quando foi governador do estado (1889) e senador da República (entre 1890 e 1908).

42



Quase que já prevendo as ironias e que fariam às suas afirmações – não de historiadoras futuras, mas de seus avaliadores, Virgílio se pre-

34 Mestre Yoda é um personagem fictício da série de filmes *Star Wars* (*Guerra nas Estrelas*), do cineasta George Lucas. Sábio e poderoso, era um hábil combatente usando o sabre de luz, uma espada a laser. Yoda também curava os ferimentos com as mãos e com o sabre de luz, o que não deixa de ser uma alusão à eletricidade e ao magnetismo. Ver mais sobre ele em https://www.ebiografia.com/mestre_yoda/.



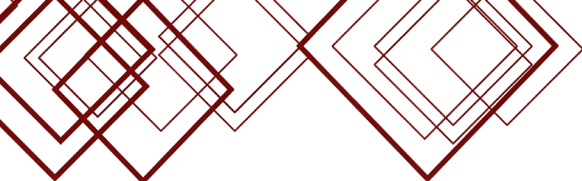
para e ataca:

“Eu disse que no extático toda a sensibilidade era abolida; em alguns porém se observa o fenômeno singular, que tem sido denominado—de transposição dos sentidos. Basta o enunciado d’esta expressão para claramente definir todo o alcance de sua significação: como porém não quero ser tachado de visionário, e nem desejo passar para o publico por demasiado crente em bruxarias e contos de beatas, passo a transcrever uma das comunicações, feitas á Academia de Medicina de Paris pelo Sr. Despine—pai, então Inspetor das águas minerais d’Aix, na Saboia.”³⁵

Como cientista que defende a experimentação, Virgílio passa então a apresentar estudos de casos – e, não por acaso, de casos apresentados à Academia de Medicina de Paris, onde se fazia a medicina das mais respeitadas à época no mundo ocidental, e a mais valorizada nas faculdades brasileiras. São narrados casos de sonambulismo, de transposição dos sentidos e “o mais notável dos fenômenos fisiológicos do êxtase”, o da penetração de pensamentos. Damásio cita médicos e personalidades francesas conhecidas, que corroboravam os casos e as explicações. Ao final de sua tese, rebate as possíveis e comuns acusações que suas proposições trariam, como as de que seria tudo uma “quimera sem fundamento” – explica os fenômenos como reações químicas detalhadas – ; ou as de que, pelo lado da moralidade, diriam que “a magnetização deveria ser proscrita por entregar o magnetizado em corpo e alma nas mãos do magnetizador.”. Neste caso, mais cauteloso, afirma Virgílio que é possível que ocorram “abusos de confiança hediondamente infames”, embora não conhecesse os casos; refuta as possíveis acusações, novamente citando autores franceses importantes, como “Deleuze, A. Teste, Charpignon, A. Gauhier, e infinidade de outros varões de probidade e subida ilustração”, que teriam refutado quele tipo de objeção e

43

³⁵ Idem, p. 161.



“de sobejo e mui gloriosamente tem-no conseguido.”³⁶

Na sequência, afirmando que “em todas as nações da antiguidade por nós conhecidas se praticou o magnetismo” e que não haveria “um só fato criminoso em o qual fosse verificada a influencia do magnetismo animal”, Virgílio diz que vai, porém, “conceder que crimes clandestinos hajam sido perpetrados.” Para resolver esse problema, sugere aos “Senhores dos Governos e das Academias”:

“podeis lhe erguer um paradeiro, ao primeiro aceno de vossa mão; restringi com o poder da lei o direito de magnetizar; conferi-o à Classe medica e só á ela; ensinai o magnetismo aos iniciados do Sacerdócio de Cós, e legitimando o fato, tereis assim garantido a sua moralidade.”³⁷

44 Aparecia aí a solução não só para o magnetismo, mas para aqueles cientistas que, como ele e tantos outros do período, viessem a defender o magnetismo: só os médicos, iniciados no sacerdócio de Cós (ou de Hipócrates, o pai da medicina, habitante da ilha de Cós, na Grécia), poderiam aprender e realizar aquela prática! Controlando a atividade, ela não cairia nas mãos de embusteiros, e nem teriam homens como ele, cientista de renome, que defender professores ou curadores que viessem a realizar a prática sem a devida fiscalização dos higienistas e autoridades...

Para concluir, Virgílio ainda se defende de quem dizia que o magnetismo ofenderia a religião. Depois de citar os evangelhos, se referindo a ninguém menos que Jesus Cristo, que curou com a imposição das mãos – e, é bom notar, mesmo sem afirmar literalmente, aqui iguala os médicos ao filho de Deus, já que seriam os únicos habilitados a exercer

36 Idem, p. 165.

37 Idem.



tal prática – evoca, para a magnetização, as bênçãos da religião:

“Não, inda uma vez; o magnetismo não ofende a Religião do Divino Redentor. Ao contrário, carece dela para apoiar o seu dogma fundamental; por que a fé e a esperança são o conforto da caridade, como esta é o móvel e única divisa da Arte de curar.”³⁸

Virgílio era mesmo um otimista. Com a ajuda da fé e do Divino Redentor, acreditava que a ciência e “os aparelhos elétricos” ainda avançariam muito, e que o fenômeno do magnetismo seria aceito, compreendido e naturalizado no futuro.

“Tempo virá, em o qual os aparelhos eléctricos se aperfeiçoarão tanto neste sentido, que de sua aplicação resultará todo esse cortejo de fenômenos, que caracterizam o sono magnético, o sonambulismo, e o êxtase.”³⁹

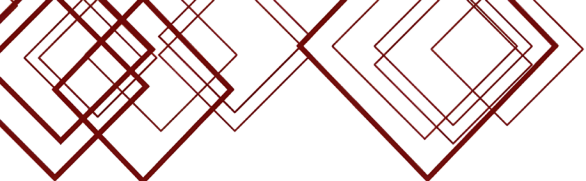
45

Considerações finais: no futuro próximo, a criminalização

Não foi exatamente preciso o vaticínio do futuro feito por Virgílio Damásio, ao menos em relação ao magnetismo. Sua tese foi aprovada e ele foi muito bem aceito na comunidade científica, já que, apesar de ousadas, suas afirmações não eram infundadas para a ciência da época. Ao longo do século XIX, diversos fenômenos até então entendidos como superstição ou imaginação popular foram estudados pelos cientistas. Nomes como Franz Mesmer, que estudou, com seus discípulos, o transe e a possessão espiritual no final do século XVIII e início do XIX, desenvolvendo o conceito de magnetismo, James Braid, que trabalhou no processo de criação da teoria da hipnose, ou Jean Martin Charcot, que estuda a hipnose e marcou a entrada da histeria para as classificações

38 Idem, p. 166.

39 Idem, p. 167.



das doenças, são apenas alguns dos cientistas que estavam bem perto de nosso médico itaparicano – e ele citou diversos outros, em sua tese, e seus trabalhos em língua francesa⁴⁰. Anos depois, Nina Rodrigues, colega de Virgílio que herdou seu lugar na cadeira de Medicina Legal e também trabalhou com a hipnose e o transe, elogiou muito o trabalho de seu antecessor.

Apesar do reconhecimento na academia, os anos de magnetismo e crença absoluta na capacidade de cura pela eletricidade ficaram no passado. Virgílio Damásio logo percebeu que sua vocação era mesmo a política, e a medicina foi ficando em segundo lugar. É verdade que ele nunca deixou de vez a Faculdade – era para o Terreiro de Jesus que ele voltava sempre que um mandato se encerrava; era lá também que ele recrutava estudantes para o seu grupo de republicanos nos anos finais do Império.

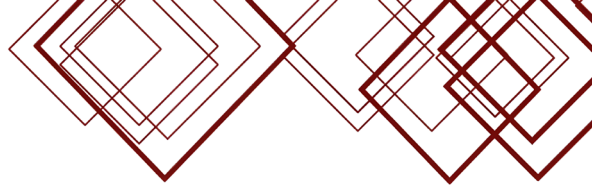
46

O professor chegou a ser homenageado pelos alunos da Faculdade, que o convidaram para paraninfo da cerimônia de formatura, em 1889, desconvidando o presidente da província, o também médico Almeida Couto, após o incidente conhecido como “massacre do Taboão”, quando o republicano Silva Jardim, recém chegado do Rio de Janeiro, foi apedrejado pelo capoeira Macaco Beleza e outros membros da Guarda Negra que defendiam a monarquia⁴¹. Em relação a este episódio, um memorialista afirmou que Virgílio Damásio “havia sido ferido e escapou milagrosamente de ser linchado pela população revoltada e sinceramente partidária da monarquia”⁴². Em 1908, quando se candidatou

40 Sobre a importância dos trabalhos Mesmer, Braid e Charcot nestes temas, ver GONÇALVES, Valéria Portugal; ORTEGA, Francisco. “Uma nosologia para os fenômenos sobrenaturais e a construção do cérebro ‘possuído’ no século XIX”. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.20, n.2, abr.-jun. 2013, p.373-389.

41 Ver, sobre o massacre do Taboão e Virgílio Damásio, Gabriela Sampaio e Wlamyra Albuquerque, *De que lado você samba (...)*, op.cit., capítulo 2.

42 “O pregoeiro da República na Bahia”, em *Revista do IHGB* nº 255 (1962), op. cit.



mais uma vez ao Senado “mesmo velho”, Damásio alegou que nunca abandonou o campo de batalha, “pronto em meu posto para me bater pela consolidação e vitória das instituições, para as quais meus esforços também contribuíram (...)”, mostrando que oferecia a vida pelo seu país. No artigo que o apresenta, o articulista contextualiza a fala de Damásio ao se referir ao massacre do Taboão, afirmando que o político contribuiu “com seu precioso sangue quando foi da propaganda Silva Jardim nesta capital afervorar à mocidade culta e progressista (...) no desejo de ver implantado um regime mais liberal” no Brasil.⁴³

Vários membros desse grupo de republicanos, tempos depois, fizeram parte do Partido Republicano da Bahia. Não por acaso, Damásio, considerado republicano histórico, foi indicado por autoridades locais para se tornar o primeiro governador da Bahia na República, na contramão da indicação de Rui Barbosa. Ele chegou a assumir o cargo, por alguns dias, e tornou-se vice governador quando outro médico da Faculdade, Manuel Vitorino, finalmente aceitou a posição. Mas foi no Senado que Virgílio passou mais tempo, participando inclusive da elaboração da Constituição da República de 1891.

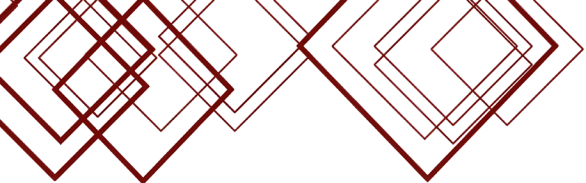
47

Entretanto, como deputado que discutiu e muito trabalhou na elaboração da constituição, o velho político Damásio deixou para trás o jovem e romântico Virgílio que conhecemos na tese. Uma discussão importante e polêmica que surgiu naquele no final do século foi a possibilidade de liberdade do exercício da profissão médica, sobre a qual o político poderia ter opinado, já que aparecia com frequência nos jornais e meios intelectuais naqueles anos turbulentos.

Um desses momentos em que o tema veio à tona foi quando, no início do período republicano, alguns magnetizadores apareceram

p. 60.

43 *Revista do Brasil (BA)*, 15 de novembro de 1908, p. 45.



e fizeram muito sucesso na Bahia e em vários locais do país, causando rebuliço nos jornais. Foi o caso do professor Faustino, do engenheiro Eduardo Silva, e mesmo de Domingos Ruggiano, também conhecido como Mão Santa, estudados pelo historiador Rafael Rosa da Rocha, que mostrou os dilemas enfrentados por esses curadores.⁴⁴ O Código Penal de 1890 passava a considerar crime o espiritismo, e a partir dessa criminalização, punir a prática imposição das mãos por pessoas que não tinham diplomas emitidos ou validados pelas faculdades de medicina do país era apenas um pulo.



48

Domingos Ruggiano – Tratando uma enfermidade cerebral. *Revista da Semana*, Rio de Janeiro. 28 out. 1900. Nº 24, p. 194, citado por Rocha.

Como explica Rafael Rocha, Código Penal de 1890, em seus artigos 156, 157 e 158, criminalizava o espiritismo, o charlatanismo e o exercício ilegal da medicina sem habilitação profissional, enquanto que

⁴⁴ Rafael Rosa da Rocha, *Curas Maravilhosas: curadores itinerantes no Brasil Republicano (1898-1905)*. Tese de doutorado, PPGH/Ufba, 2020. A imagem acima aparece na página 105. Ver também, do mesmo autor, “Liberdade profissional e exercício ilegal da medicina”, em *Mundos do Trabalho*, Florianópolis, v. 12, p. 1-19, 2020, DOI: <https://doi.org/10.5007/1984-9222.2020.e75223>.



a Constituição de 1891 estabelecia a plena liberdade profissional no artigo 72, parágrafo 24, especificando que era “garantido o livre exercício de qualquer profissão moral, intelectual e industrial”⁴⁵. Essa aparente contradição jurídica foi bastante discutida no caso da perseguição ao curador Eduardo Silva, que buscava se safar da prisão.

Muito do que o jovem candidato Virgílio Damásio discutiu em sua tese de doutorado poderia ser usado para defender pessoas como Faustino, Ruggiano e Silva, entre tantos outros curadores e também curandeiros, especialmente negros, que foram perseguidos e criminalizados no início do período republicano, quando práticas que, no Império, eram consideradas superstição, voltaram a ser crime, recuperando punições do período colonial⁴⁶. A tese de Virgílio Damásio tinha um frescor e uma ingenuidade, em sua crença na ciência e nos efeitos positivos do magnetismo – e, no limite, na humanidade – que não reapareceram na maturidade do médico. Quando trabalhou como membro do legislativo, não chegou a se manifestar sobre a importante questão da liberdade do exercício profissional, que dizia respeito aos seus colegas médicos. Provavelmente, como a maioria deles, se colocava contra essa liberdade, que daria espaço para farsantes agissem livremente. O que deve ter sobrado com mais força da tese de Virgílio, grande amigo do governador e reformador urbano J.J.Seabra, era mesmo o pequeno trecho em que ele afirmava que só os médicos poderiam exercer o magnetismo: somente os “iniciados do Sacerdócio de Cós” teriam moralidade para exercer as sagradas Artes de Curar.

49

45 BRASIL. Código Penal dos Estados Unidos do Brasil de 1890. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1851-1899/D847.htm; BRASIL. Constituição dos Estados Unidos do Brasil de 1891. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao91.htm, apud Rafael Rosa da Rocha, “Liberdade profissional e exercício ilegal da medicina”, op. cit. p. 4.

46 Para essa discussão, ver Gabriela dos Reis Sampaio, *Juca Rosa, um pai de santo na Corte Imperial*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2009, capítulo 3.



Com o correr dos anos republicanos, a repressão a pais de santo, espíritas, homeopatas, variados curandeiros e outros agentes de cura se institucionalizou no país, enquanto militares e políticos, influenciados por médicos higienistas, endureciam o controle da vida dos egressos do escravismo e seus descendentes no Brasil. Foi preciso muita luta para que atividades religiosas e práticas que um dia foram consideradas “incontrastáveis” pudessem ser realizadas com alguma autorização legal, embora sempre tenham sido perseguidas e estigmatizadas.⁴⁷

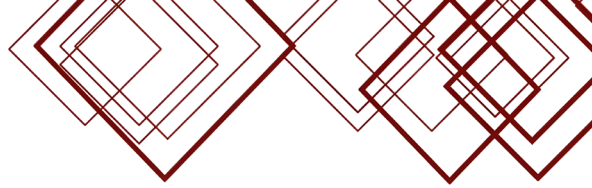
50

Já o doutor Virgílio Damásio, que tanto defendeu o magnetismo, partiu desse mundo em 1913, sem ver suas antigas sugestões serem seguidas. Alguns dias antes de morrer, declarou ao seu amigo J.J. Seabra que “o inclemente beribéri continua a deter-me em casa”,⁴⁸ embora nos registos oficiais apareça que ele faleceu de “arteriosclerose generalizada”. Partia “aos 75 anos, no dia 21 de novembro de 1913, em sua casa, no corredor da Vitória”⁴⁹. As homenagens póstumas foram imensas pelos jornais, destacando suas qualidades como político, sua honrada posição em defesa da Bahia, e diversos feitos, como ter criado o “Instituto Oficial de Ensino Secundário”, ou ter mandado “suprimir o artigo consti-

47 Embora os artigos 156, 157 e 158 do código de 1890 tenham caído no código penal de 1940, foram reinventados e neste código e em diferentes regulamentos sanitários ao longo dos anos. Ver, sobre o assunto, entre outros, Adriana Gomes, “As antinomias nas normas jurídicas da Primeira República: do cerceamento da prática do espiritismo e à concessão da liberdade religiosa através de habeas corpus”, em *Sacrilegus*, Juiz de Fora, v.13, n.2, p.135-151, jul-dez/2016. Sobre a repressão ao espiritismo no período, ver também Emerson Giumbelli, *O cuidado dos mortos: uma história da condenação e legitimação do espiritismo*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997; Artur Cesar Isaia, “Religion and Psychiatric Discourse in Brazil in the First Half of the 20th Century: The Construction of “Spiritualistic Madness””, em Solange Ramos de Andrade, Renata Siuda-Ambroziak, Ewa Stachowska (org.), *Brazil-Poland: Focus on Religion* Maringá, PR: Edições Diálogos, 2019, pp. 57-74.

48 “Honrosa missiva: o venerando conselheiro Virgílio Damásio felicita o dr. J. J. Seabra”, em *Gazeta de Notícias Sociedade Anônima (BA)*, 5/11/1913, p.1.

49 “Damásio, Virgílio”, em *Dicionário histórico-biográfico da Primeira República (...)* op. cit.



tucional que estabelecia o Exército permanente, lembrando que todos os cidadãos, nos momentos precisos, deveriam pegar em armas em defesa do país e da nação”⁵⁰, talvez se recordando das histórias sobre a Sabinada, que deve ter ouvido por muitos anos. Além disso, “votou pela abolição da pena de morte e apresentou uma proposta de pensão a dom Pedro II” e “foi um dos signatários do manifesto contra a dissolução do Congresso pelo marechal Deodoro da Fonseca, em 3 de novembro de 1891”, revelando que a coragem da época de estudante não desaparecera completamente das ações do político. Também ficamos sabendo que “deixou o Senado em dezembro de 1908” e que, “abatido pela morte da esposa, Ana Virgínia de Seixas Damásio, retirou-se para a vida privada, afastando-se da política”. Nunca mais ouvimos falar do magnetismo e suas possibilidades curativas, que não serviram para curar sua amada Ana Virgínia nem para combater o inclemente beribéri, como ele deve ter imaginado nos anos de pesquisa para a tese. Porém, é dito que Virgílio, “escritor erudito, escreveu sobre reminiscências de homens e coisas do passado”, obra que não encontrei, mas que talvez relembre da crença no magnetismo e de outras histórias da juventude, já que, como cientista, nunca mais tocou no assunto.

51

BIBLIOGRAFIA

- ALBUQUERQUE, Wlamyra e SAMPAIO, Gabriela dos Reis, *De que lado você samba: raça, política e ciência na Bahia do pós-abolição*. Campinas: Editora da Unicamp, 2021
- BASILE, Marcello, “O laboratório da nação - a era regencial (1831-1840)”, em Keila Grinberg e Ricardo Salles (org.). *O Brasil Impe-*

50 Idem.



rial, volume II: 1831-1870. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

BRITO, Jailton Lima, *A abolição na Bahia (1870-1888)*. Salvador, CEB, 2003.

DAMÁSIO, Virgílio Clímaco, “*Elementos de physica e chimica compreendendo as primeiras noções de geologia e mineralogia*”. 1971.

_____, *A eletricidade em geral e suas aplicações às diversas ciências, e em particular sobre seu emprego terapêutico*. Tese (Inaugural) - Faculdade de Medicina da Bahia, Bahia, 1859.

GIUMBELLI, Emerson, *O cuidado dos mortos: uma história da condenação e legitimação do espiritismo*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997.

GOMES, Adriana, “As antinomias nas normas jurídicas da Primeira República: do cerceamento da prática do espiritismo e à concessão da liberdade religiosa através de habeas corpus”, em *Sacrilegus*, Juiz de Fora, v.13, n.2, p.135-151, jul-dez/2016 GONÇALVES, Valéria Portugal;

52

ISAIA, Artur Cesar, “Religion and Psychiatric Discourse in Brazil in the First Half of the 20th Century: The Construction of “Spiritualistic Madness””, em Solange R. Andrade, Renata Siuda-Ambroziak, Ewa Stachowska (org.), *Brazil-Poland: Focus on Religion*. Maringá, PR: Edições Diálogos, 2019.

LEITE, Douglas Guimarães. *Sabinos e diversos: emergências políticas e projetos de poder na revolta baiana de 1837*. Dissertação de mestrado, PPGH/UFBA 2006.

ORTEGA, Francisco. “Uma nosologia para os fenômenos sobrenaturais e a construção do cérebro ‘possuído’ no século XIX”. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, RJ, v.20, n.2, abr.-jun. 2013.

ROCHA, Rafael Rosa, *Curas Maravilhosas: curadores itinerantes no Bra-*



sil Republicano (1898-1905). Tese de doutorado, PPGH/UFBA, 2020.

_____, “Liberdade profissional e exercício ilegal da medicina”, em *Mundos do Trabalho*, Florianópolis, v. 12, pp. 1-19, 2020, DOI: <https://doi.org/10.5007/1984-9222.2020.e75223>

ROCQUE, L. e TEIXEIRA, L. A.: “Frankenstein, de Mary Shelley e Drácula, de Bram Stoker: gênero e ciência na literatura”. *História, Ciências, Saúde — Manguinhos*, vol. VIII(1), 10-34, mar.-jun. 2001.

SAMPAIO, Gabriela dos Reis, *Juca Rosa, um pai de santo na Corte Imperial*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2009.

SANTOS, Adailton Ferreira, *A presença das ideias da Escola Topicalista Baiana nas teses doutorais da Faculdade de Medicina (1850-1889)*. Tese de Doutorado em História da Ciência, PUC/SP, 2012.

53

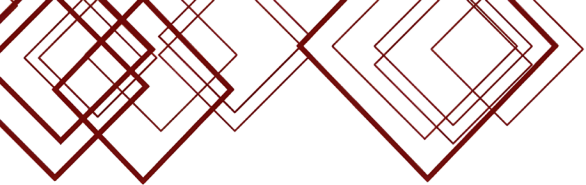
SHELLEY, Mary, *Frankenstein*. Edição de M. Hindle, Harmondsworth, Penguin Books, 1992.

SOBRINHO, Antônio de Araújo de Aragão Bulcão, “O pregoeiro da República na Bahia”, em *Revista do IHGB* nº 255 (1962), pp. 57-69.

VALLE, J. R. “Subsídios para a história da Gazeta Médica da Bahia”, In: Falcão, E. C. *Brasiliensia documenta*. São Paulo, 1974, p. 12, APUD Martinelli, M. Fátima Mendes, *Comunicação científica em saúde: a Gazeta Médica da Bahia no século XIX*. Dissertação (Mestrado) - UFBA/Instituto de Humanidades Artes e Ciências, Salvador, 2014.

OBRAS DE REFERÊNCIA:

Almanaque Civil, Político e comercial da Cidade da Bahia para o ano de



1845. Edição Fac-similar. Salvador: A Fundação, 1998.

BRASIL. Código Penal dos Estados Unidos do Brasil de 1890. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1851-1899/D847.htm;

BRASIL. Constituição dos Estados Unidos do Brasil de 1891. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao91.htm

Dicionário histórico-biográfico da Primeira República (DHBPR) - FGV/CPDOC, disponível em <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/DAMÁSIO,%20Virgílio.pdf>

Dicionário Biográfico Histórico da Bahia, Biblioteca Virtual Consuelo Pondé, disponível em <http://www.bvconsueloponde.ba.gov.br/2024/07/15/virgilio-damasio/>